

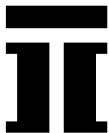
## A Casa da Rússia



**John le Carré**  
**A Casa da Rússia**

Romance

Tradução de  
José Vieira de Lima



**Leya, SA**

Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 1989, Authors Workshop  
© 2008, Authors Workshop e Leya, SA

Capa: Rui BeloSilva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino  
1.ª edição BIS: Julho de 2009  
Paginação: Fotocompográfica, Lda.  
Depósito legal n.º 293 826/09  
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN 978-989-660-025-09

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

*Para Bob Gottlieb,  
grande assistente editorial  
e amigo paciente.*



«Penso, efectivamente, que as pessoas desejam tanto a paz  
que um destes dias  
os governos terão de mudar de rumo  
e de lhes dar essa paz.»

DWIGHT D. EISENHOWER

«Temos de pensar como heróis para  
nos comportarmos  
como seres humanos minimamente decentes.»

MAY SARTON



## Prefácio

Os agradecimentos nos romances arriscam-se a ser tão maçadores como os créditos no cinema. No entanto, como-me forçosamente a presteza com que pessoas habitualmente tão ocupadas me oferecem o seu tempo e o seu saber para me ajudarem a levar a cabo uma empresa tão frívola como a minha. Por isso, não posso deixar de aproveitar esta oportunidade para lhes agradecer.

Lembro com especial gratidão a ajuda de Strobe Talbott, ilustre jornalista de Washington, soviétólogo e autor de várias obras sobre defesa nuclear. Se há erros neste livro, não são decerto da sua responsabilidade, e muitos mais haveria sem a sua colaboração. O professor Lawrence Freedman, autor de várias obras modelares sobre a guerra moderna, honrou-me também com a sua assistência, mas o meu simplismo não é obviamente culpa sua.

Frank Geritty, durante muitos anos agente do Federal Bureau of Investigation, iniciou-me nos mistérios do detetor de mentiras, agora tristemente denominado polígrafo, e se as minhas personagens não valorizam tanto quanto ele os poderes dessa máquina, são elas que merecem a censura do leitor, e não o meu precioso colaborador.

Devo ainda uma retractação a John Roberts e à sua equipa da Associação Grã-Bretanha-URSS, à qual ele preside. Foi John Roberts que me acompanhou na minha primeira visita à URSS, abrindo-me todas as portas que, de outro modo, se teriam mantido fechadas. Mas ele nada sabia

– nem me fez qualquer inquérito nesse sentido – acerca dos meus negros intentos. Da sua equipa, seja-me permitido mencionar em particular Anne Vaughan.

Os meus anfitriões soviéticos da União de Escritores revelaram idêntica discrição e uma largueza de espírito que não deixou de me surpreender. Qualquer pessoa que visite a União Soviética nestes anos extraordinários e que tenha o privilégio de manter as conversas que eu pude manter, terá forçosamente de regressar com um duradouro amor pelo seu povo e com um sentimento de respeito perante a grandiosidade dos problemas com que se confronta. Espero que os meus amigos soviéticos vejam reflectido nesta efabulação algum do calor que senti na sua companhia, e um pouco da esperança que partilhámos no sentido de um futuro mais são e mais amistoso.

O jazz é um grande unificador e não me faltou o apoio de amigos quando se me deparou o saxofone de Barley. Wally Fawkes, o celebrado autor de banda desenhada e músico de jazz, emprestou-me o seu ouvido de músico, e John Calley, o seu conhecimento perfeito tanto de letras como de músicas. Se tais homens pudessem um dia governar este mundo, arriscava-me a que acabassem todos os conflitos que me têm inspirado.

JOHN LE CARRÉ

Numa movimentada rua de Moscovo, a menos de duzentos metros da estação de Leninegrado, no último piso de um hotel de arquitectura tão arrebitada quanto medonha, mandado construir por Estaline no estilo que os moscovitas denominam de Império durante a Peste, a primeira feira áudio do British Council para o ensino do Inglês e a divulgação da cultura britânica aproximava-se do seu penoso fim. Eram cinco e meia da tarde, e fazia um tempo de Verão instável. Depois de uma série de violentos aguaceiros durante todo o dia, um sol enganador reluzia nos charcos e fazia fumar os passeios. Quanto aos transeuntes, os mais jovens usavam *jeans* e ténis, mas os mais velhos aconchegavam-se ainda nos seus abafos.

O salão que o British Council tinha alugado não era caro mas também não era apropriado para o efeito. Tive oportunidade de ver esse salão, não há muito tempo, numa missão inteiramente diferente. Subi nas pontas dos pés a grande escadaria vazia e, com um passaporte diplomático no bolso, deixei-me ficar no meio do salão, naquela obscuridade eterna que envolve todos os velhos salões de baile quando neles cai o adormecimento. Com os seus rotundos pilares castanhos e os espelhos dourados, mais parecia um salão de um navio prestes a naufragar e não propriamente o local ideal para lançar uma grande iniciativa. No tecto, russos ameaçadores, com bonés proletários, erguiam punhos fechados junto a Lenine. O seu vigor contrastava dramaticamente

com as prateleiras verdes já lascadas, cheias de cassetes, que ocupavam as paredes de uma ponta à outra, com títulos tão diversos como *Winnie-the-Pooh* e *Advanced Computer English in Three Hours*. As cabinas de som, revestidas a serapilheira, de fabrico local e sem muitas das qualidades que seriam desejáveis, tinham a tristeza de cadeiras de praia num dia de chuva. Os *stands* dos exibidores, aglomerados sob uma vasta galeria, pareciam tão blasfemos como lojas de apostas num tabernáculo.

Apesar de tudo decorrera ali uma feira, ainda que de duvidosa qualidade. Os visitantes tinham ocorrido, como é habitual entre os moscovitas, desde que tenham os documentos e o estatuto susceptíveis de satisfazerem os rapazes de blusões de cabedal e olhar duro que os esperam à porta. Acorrem porque é de bom tom. Por curiosidade. Porque querem falar com ocidentais. Porque é um acontecimento. E agora, na quinta e última noite da feira, a grande festa de despedida de exibidores e convidados começava a ficar animada. Uma mão-cheia de membros pouco importantes da *nomenclatura* da burocracia cultural soviética agrupava-se sob o candelabro, as mulheres com os seus penteados em forma de colmeia e vestidos com flores estampadas, os homens apertados em fatos reluzentes de produção francesa, o que significava acesso às lojas de roupas especiais. Apenas os anfitriões britânicos, em tons tristemente cinzentos, cumpriam a monotonia de austeridade socialista. O tumulto cresceu quando uma brigada de governantas com aventais começou a distribuir sanduíches de salame em forma de anel e vinho branco quente. Um diplomata britânico de alto nível, que não era propriamente o embaixador, distribuía cumprimentos efusivos e dizia estar encantado.

Entre toda aquela gente, apenas Niki Landau se tinha afastado das celebrações. Curvado sobre a sua mesa no *stand* vazio, somava as suas últimas encomendas e verificava as cópias dos recibos e as despesas, porque uma das suas máximas era só procurar a diversão depois de concluído o trabalho.

Pelo canto do olho, via uma mulher soviética que deliberadamente ignorava – uma mulher que, naquele momento,

não passava para ele uma mancha azul e ansiosa. *Sarilhos*, pensava ele enquanto trabalhava. *A evitar*.

O ambiente de festa não se tinha propagado a Landau, não obstante o seu temperamento festivo. Uma das razões era que nutria uma aversão indestrutível por todo e qualquer funcionário britânico, sentimento que vinha dos tempos em que o seu pai fora obrigado a regressar à Polónia. Quanto aos britânicos em geral, disse-mo mais tarde, não tinha nada a apontar-lhes. Era um deles por adopção e exibia a reverência formal dos convertidos. Mas os lambe-botas do Foreign Office eram outra coisa. E quanto mais se davam ares superiores, olhando-o do alto com uma cara enjoada e um sorriso afectado, tanto mais ele os odiava, tanto mais ele pensava no pai. Por outro lado, se pudesse dispor de si próprio, nunca teria participado na feira. Ter-se-ia antes refugiado em Brighton, com uma namorada especialmente simpática, chamada Lydia, que conhecera recentemente, num pequeno hotel privado não menos simpático, ideal para levar namoradas.

«É preferível prepararmo-nos para a feira do livro de Moscovo em Setembro», tinha dito Landau aos seus clientes na sede da empresa, na passagem secundária ocidental. «Não sei se estás a ver, Bernard, os russos gostam de livros, mas uma feira áudio vai assustá-los, eles ainda não estão preparados para isso. Com a feira do livro, é dinheiro em caixa. Com a feira áudio, é morte certa.»

Mas os clientes de Landau eram jovens e ricos e não acreditavam na morte. «Meu rapaz», disse Bernard, abeirando-se dele e pondo-lhe uma mão no ombro, coisa de que Landau não gostava, «no mundo de hoje, temos de exhibir bem a bandeira. Somos patriotas, Niki, percebes? Como tu és. É por isso que somos uma companhia internacional. Hoje, com a *glasnost*, a União Soviética é o Evereste do comércio audiovisual. E tu, Niki, tu vais levar-nos ao topo. Porque se não o fizeres, encontraremos quem o faça. Alguém mais jovem, certo, Niki? Alguém com a energia e a classe necessárias.»

Energia ainda Landau tinha. Mas a classe, como ele era o primeiro a confessar, a classe, era melhor não falar disso.

O que ele era, era um pândego, e gostava de o ser. Era um polaco pândego, enérgico e baixinho, e tinha orgulho em ser assim. Era o bom do Niki, o camaradinho malcriado das vendas para o Leste, capaz, como ele gostava de se vangloriar, de vender fotografias porcas a um convento georgiano ou tónico capilar a uma bola de bilhar romena. Ele era Landau, o atleta de quarto raquítico, que usava saltos mais altos que o normal para dar ao seu corpo eslavo a escala inglesa que tanto admirava, e que vestia fatos caros e à moda que não o deixavam passar despercebido. Quando o bom do Niki acabou de montar o seu *stand*, os seus colegas de negócios garantiram aos nossos anónimos inquiridores que se podia ouvir o tinido do sino no seu carrinho de vendedor ambulante polaco.

E Landau, esperto como era, partilhava a piada com eles, jogava o jogo deles. «Pois é, pessoal, eu sou o polaco em que vocês não tocariam nem com uma barçaça<sup>1</sup>», declarava ele orgulhosamente depois de pedir mais uma rodada. Era o processo que Landau utilizava para que os outros rissem com ele em vez de se rirem dele. E então, era de esperar que, para demonstrar o que acabava de dizer, Landau sacasse de um pente do bolso de cima do casaco e se baixasse quase como se fosse ajoelhar, após o que, com a ajuda de um quadro pendurado na parede ou uma outra qualquer superfície polida, domaria o seu cabelo muito preto, preparativo essencial para uma conquista fresca, usando as duas mãos pequeninas para dar à cena um ar bem viril. «Mas quem é aquela jovem acabada de chegar que eu estou a ver ali naquele canto?», perguntava ele na sua muito pouco or-

---

<sup>1</sup> No original, «I'm the Pole you wouldn't touch with a barge»: trata-se de um triplo trocadilho absolutamente intraduzível. Em primeiro lugar, há um jogo de palavras com a expressão «you wouldn't touch with a barge pole» («Vocês não querem nada comigo». «Vocês não me suportam», etc.). *Barge pole* é o varejão usado para fazer mover as barças, mas – segundo trocadilho – «Pole», com maiúscula, significa «Polaco». Finalmente, e neste caso é importante, «pole», em calão, significa também «pénis», especialmente se em ereção. A observação de Landau aponta portanto para duas zonas de sentido: o tratamento que lhe é infligido pelos colegas de profissão e a sua presumivelmente ferosa sexualidade. (*N. do T.*)

todoxa mistura de polaco de *ghetto* com *cokney* do East End. «Olá, querida! Tão sozinha... Não me diga que vai passar a noite toda a sofrer sozinha?» E uma em cada cinco vezes, Landau tinha sucesso, o que, para a sua contabilidade, constituía uma boa média. O que era preciso era manter a iniciativa.

Mas nessa noite Landau não pensava em sucessos, nem tão-pouco em iniciativas. O que ele estava a pensar é que de novo suara as estopinhas toda a semana para ganhar uma ninharia – ou, como ele mo disse mais explicitamente, para ganhar um beijo de puta. E pensava ainda que todas as feiras, fossem elas feiras do livro ou feiras áudio ou quaisquer outras feiras, lhe estavam a consumir mais energias do que ele gostava de admitir, tal e qual como acontecia com todas as mulheres. E em troca desse dispêndio de energias pouco recebia. No dia seguinte regressaria a Londres, mas se pudesse apanharia naquele momento o avião. E se aquela ave russa toda de azul não desistisse de se insinuar no horizonte da sua atenção, no preciso momento em que ele tentava fechar as contas e em que se preparava para pôr o sorriso festivo e para se juntar àquela tão exultante multidão, era muito provável que lhe dissesse uma certa palavra da língua russa que ambos lamentariam toda a vida.

Que ela era russa, não havia dúvida. Só uma russa andaria com uma saca de plástico dependurada no braço, pronta para a compra ocasional que é a alegria da sua vida quotidiana, ainda que na maior parte dos casos não usassem sacas de plástico, mas de corda. Só uma russa seria capaz de se mostrar tão intrometida, ao ponto de poder verificar a aritmética de um homem. E só uma russa prefaciaria a sua interrupção com um daqueles grunhidos insuportáveis que, num homem, lhe faziam lembrar o pai apertando os atacadores dos sapatos e que, numa mulher, Harry, ah, numa mulher, fazem-nos logo pensar em cama.

«Desculpe, sim... o senhor trabalha para a firma Abercrombie & Blair?», perguntou ela.

«Não é aqui, minha querida», retorquiu Landau sem sequer erguer a cabeça. Ela fizera a pergunta em inglês, portanto ele respondera em inglês, como aliás sempre fazia.

«O senhor é Mr. Barley?»

«Barley, não, minha querida, Landau.»

«Mas este é o *stand* de Mr. Barley.»

«Não é nada o *stand* do Barley. Este é o meu *stand*. Abercrombie & Barley é ao lado.»

Ainda de cabeça baixa, Landau apontou com o lápis para a esquerda, para o *stand* vazio do outro lado do tabique, onde um cartaz pintado a verde e dourado anunciava a antiga casa editora de Abercrombie & Blair, Norfolk Street, Strand.

«Mas esse *stand* está vazio. Não está lá ninguém», objectou a mulher. «Ontem também estava vazio.»

«Correcto. Correctíssimo», retorquiu Landau, num tom capaz de acabar com qualquer conversa. Então, debruçou-se ainda mais sobre o seu livro de contas, aguardando que a mancha azul desistisse e desaparecesse. Sabia que estava a ser mal-educado, mas quanto mais ela persistisse mais lhe apetecia ser grosseiro.

«Mas onde é que está Scott Blair? Onde é que está o homem a quem chamam Barley? Tenho de falar com ele. É muito urgente.»

Nesse momento Landau odiava-a já com uma ferocidade perfeitamente cega.

«Mr. Scott Blair», disse ele erguendo de chofre a cabeça e olhando-a bem de frente, «Mr. Scott Blair, Barley para os íntimos, está *awol*<sup>1</sup>, minha senhora, o que significa ausente sem permissão. A companhia dele reservou um *stand* – disso não há dúvida. E Mr. Scott Blair é director, presidente, governador-geral e, pelo que sei, ditador vitalício dessa companhia. No entanto, não ocupou o seu *stand*.» Nesse momento, reparando que toda a atenção dela estava concentrada nas suas palavras, Landau começou a perder a embalagem inicial. «Oiça, minha querida, não sei se percebeu, mas acontece que eu trabalho aqui e não para Mr. Barley Scott Blair, por muito que goste dele.»

---

<sup>1</sup> *Awol* ou A. W. O. L., iniciais correspondentes a «absent without leave». (N. do T.)

Dito isto, parou, já que as preocupações cavalheirescas tinham abafado a sua ira momentânea. A mulher estava a tremer. Não só lhe tremiam as mãos que seguravam a saca castanha, mas também o pescoço, e a gola de renda antiga que encimava o seu vestido impecavelmente azul, que Landau via tremer contra uma pele que já estava mais branca do que a renda. No entanto, a boca e os maxilares permaneciam impassíveis, numa atitude de firmeza, e a expressão dela subjugava-o.

«Por favor, preciso de toda a sua simpatia e ajuda», disse ela, como se não houvesse outra hipótese.

Acontece que Landau se orgulhava de conhecer as mulheres. Gabava-se disso, como de outras coisas, até cansar quem o ouvia, mas a verdade é que o seu orgulho tinha algum fundamento. «As mulheres, as mulheres são o meu *hobby*, Harry, passarei toda a vida a estudá-las, elas são a paixão que me consome», confidenciou-me ele um dia, e a convicção na sua voz era tão solene como o juramento de um mação. Não sabia já quantas mulheres tinha possuído, mas era com grande satisfação que dizia que o total já ia nas centenas e que nenhuma delas tinha motivos para lamentar a experiência. «Jogo com toda a franqueza e escolho acertadamente», garantiu-me ele, batendo com o indicador numa das narinas. «Nada de punhos cortados, nem casamentos desfeitos, nem palavras azedas depois de tudo acabado.» Se isto era ou não verdade, ninguém o poderia saber, eu incluído, mas do que não havia dúvida era que os instintos que o tinham guiado nas suas aventuras o ajudavam agora a traçar rapidamente o retrato daquela mulher.

Era uma mulher séria. Inteligente. Determinada. Estava assustada, apesar de nos seus olhos escuros haver uma chispa de génio. E possuía ainda essa rara qualidade a que Landau, no seu estilo floreado, gostava de chamar a Classe Que só a Natureza Pode Dar. Por outras palavras, aquela mulher, para além de brilhante, era forte. E como nos momentos de crise os nossos pensamentos não seguem uma progressão lógica, mas antes nos invadem desordenadamente em ondas de intuição e experiência, Landau apercebeu-se

de todas aquelas características ao mesmo tempo e estava a matutar nelas quando a mulher lhe dirigiu de novo a palavra.

«Um amigo meu, soviético, escreveu uma importante obra literária, muito criativa», disse ela, depois de respirar fundo. «É um romance. Um grande romance. A sua mensagem é importante para toda a humanidade.»

A mulher calou-se repentinamente. Landau apressou-se a manter o fio da conversa. «Um romance», disse. E depois, sem que nunca tivesse percebido bem porquê, perguntou-lhe: «E qual é o título, minha querida?»

Concluiu nesse momento que a força que ela tinha lhe vinha das suas convicções e não de uma falsa coragem ou de qualquer insanidade.

«Então qual é a mensagem, já que não tem título?»

«Tem que ver com acções em vez de palavras. Rejeita o gradualismo da *perestroika*. Pede acção e contesta todas as falsas mudanças.»

«Lindo», disse Landau, impressionado.

Ela falava como a minha mãe, Harry: o queixo espetado e bem na nossa cara.

«Apesar da *glasnost* e do suposto liberalismo das novas directivas, o romance do meu amigo não pode ainda ser publicado na União Soviética», prosseguiu ela, «Mr. Scott Blair comprometeu-se a publicá-lo com discrição.»

«Minha senhora», disse Landau num tom amável, agora de rosto quase colado ao dela. «Se o romance do seu amigo for publicado pela grande editora Abercombrie & Blair, pode ter a certeza de que o segredo será total.»

Landau disse isto em parte porque não podia resistir a uma piada sobre a editora, mas também porque os seus instintos lhe diziam que era melhor dar um tom informal à conversa e torná-la menos notada aos olhos de quem quer que fosse. Tivesse ou não percebido a piada, a verdade é que a mulher também sorriu, um sorriso breve e quente de auto-encorajamento, que era como que uma vitória sobre os seus medos.

«Então, Mr. Landau, se o senhor ama a paz, por favor leve este manuscrito consigo para Inglaterra e dê-o logo que

chegue a Mr. Scott Blair. Apenas a ele. Confio inteiramente em si.»

O que aconteceu a seguir foi muito rápido, uma transacção de esquina, de vendedor interessado para comprador interessado. A primeira coisa que Landau fez foi olhar para trás dela, para lá do ombro dela. Sabia por experiência própria que, quando os russos queriam fazer das suas, havia sempre gente por perto. Mas a verdade é que o seu canto estava vazio, a área sob a galeria onde se encontravam os *stands* estava às escuras e a festa atingia agora o auge da animação. Os três rapazes de blusões de couro que se encontravam à porta falavam entre si com um ar enfasiado.

Completado o seu exame, Landau leu o nome da rapariga no *crachat* de plástico que trazia na lapela, coisa que normalmente teria feito antes, caso aqueles olhos castanho-escuros o não tivessem distraído. Yekaterina Orlova, leu ele. E por baixo da palavra «Outubro», em inglês e russo, o nome de uma das mais pequenas casas editoras estatais, especializada na tradução de livros soviéticos para exportação, sobretudo para outros países socialistas, o que, receio bem, a condenara a uma certa mediocridade.

De seguida, disse-lhe o que ela devia fazer, ou talvez já lho estivesse a dizer no momento em que leu o seu nome. Landau era um rapaz de rua, habituado a todo o tipo de truques. A mulher podia ser a coragem em pessoa e pelo ar dela talvez o fosse. Mas não tinha hábitos de conspiradora. Por isso não hesitou em protegê-la. E ao fazê-lo, falou-lhe como falaria com qualquer mulher que precisasse de conselhos básicos sobre o que haveria de fazer para ir ter com ele ao quarto do hotel ou sobre o que haveria de dizer ao marido quando voltasse a casa.

«Tem-no consigo, não tem, minha querida?», perguntou, espreitando o conteúdo da saca e sorrindo como um amigo.

«Tenho.»

«Está aí dentro, não é?»

«Está.»

«Então passe-me a saca com um ar normal», disse Landau, continuando a falar enquanto ela lhe passava a saca.

«Isso. Agora dê-me um beijinho russo, de amigos. Género formal. Isso. O que você me trouxe foi um presente de despedida oficial na última noite da feira, não sei se está a ver. Um presente que contribuirá para estreitar as relações anglo-soviéticas e que me vai fazer levar um excesso de peso no avião, a menos que o atire para um caixote do lixo do aeroporto. Uma transacção perfeitamente normal. Hoje já devo ter recebido meia dúzia de presentes como o seu.»

Parte deste discurso disse-o Landau agachado e de costas para ela. Tinha já aberto a saca e retirado num instante o embrulho de papel castanho e estava agora a guardá-lo com a maior habilidade na sua pasta, uma daquelas pastas que mais parecem arquivos domésticos, com um grande aproveitamento do espaço, com compartimentos que se abrem em leque.

«Casada, Katya?»

Teve o silêncio por resposta. Talvez ela não tivesse ouvido. Ou então estava muito ocupada a observá-lo.

«Foi o seu marido que escreveu o romance?», perguntou Landau pouco intimidado com o silêncio dela.

«É perigoso para si», murmurou ela. «Tem de acreditar no que está a fazer. Assim, tudo se torna claro.»

Como se não tivesse ouvido o aviso, Landau seleccionou, de uma pilha de amostras que tinha guardado para distribuir nessa noite, uma embalagem de quatro cassetes com a leitura de *A Midsummer Night's Dream* especialmente encomendada à Royal Shakespeare Company, que com grande aparato colocou sobre a secretária, escrevendo depois na embalagem de plástico com uma caneta de feltro, «Do Niki para a Katya, Paz», para além da data. Seguidamente, colocou as cassetes na saca com toda a cerimónia, fechou-a e meteu-lha entre as mãos, porque a mulher estava a ficar pálida e ele tinha medo que desmaiasse ou ficasse demasiado perturbada. Só então é que Landau a tranquilizou como ela parecia desejar, enquanto continuava a segurar-lhe na mão, que, segundo ele, estava fria, mas era uma bela mão.

«Todos nós temos de passar por riscos de vez em quando, não é, minha querida?», disse Landau, num tom des-

preocupado. «Não quer vir dar um pouco de brilho à festa?»

«Não.»

«E que tal um restaurante simpático?»

«Não convém.»

«Quer que a acompanhe até à porta?»

«Tanto faz.»

«Acho que é melhor pormos um sorriso, minha querida», disse ele, ainda em inglês, enquanto avançava com ela pelo salão, cavaqueando como o vendedor eficiente que de repente voltara a ser.

Ao chegar ao patamar, cumprimentou-a. «Então vemo-nos na feira do livro? Em Setembro. E obrigado pelo aviso, hem? Não me vou esquecer. Mesmo assim o que importa é que fechámos negócio. O que é sempre bom. Certo?»

Na mão dele, a mulher pareceu encontrar um pouco mais de coragem, já que voltou a sorrir e o seu sorriso, apesar de desmaiado, era um sorriso grato, e quase irresistivelmente afectuoso.

«O meu amigo fez um gesto importante», explicou ela, afastando uma mecha de cabelo mais rebelde. «É preciso que Mr. Barley tenha consciência disso.»

«Eu digo-lhe. Não se preocupe», retorquiu Landau garbosamente.

Ele daria tudo para que a mulher lhe sorrisse uma vez mais, mas a verdade é que ela já não estava interessada na sua pessoa. Pôs-se a procurar na mala um cartão, pormenor de que até esse momento – Landau sabia-o – não se tinha lembrado. «ORLOVA, Yekaterina Borisovna», dizia o cartão, em cirílico de um lado e em romano do outro, de novo com a palavra «Outubro» nos dois alfabetos. Deu-lhe o cartão e desceu com firmeza a pomposa escadaria, a cabeça erigida e uma mão no largo corrimão de mármore, a outra segurando a saca. Os rapazes de blusões de couro observaram-na até chegar ao *hall*. E Landau, enquanto metia o cartão no bolso de cima do casaco, ao lado da outra meia dúzia que tinha coleccionado nas últimas duas horas, esperou que ela desaparecesse e depois piscou-lhes o olho. E os ra-

pazes, depois de conveniente reflexão, retribuíram a piscadela, já que também fazia parte da nova abertura dar o devido valor a um bom par de ancas russas. Até um estrangeiro tinha o direito de as apreciar.

Nos cinquenta minutos de folia que lhes restavam, Niki Landau entregou-se de alma e coração à festa. Cantou e dançou para uma bibliotecária escocesa de cara de pau e pérolas ao pescoço. Recitou uma divertida anedota política sobre Mrs. Thatcher para um casal de apagados ouvintes da Agência Editorial do Estado, a VAAP, até que subitamente eles desataram à gargalhada. Cortejou três senhoras das Publicações Progresso e, numa série de ágeis deslocções até à sua pasta, presenteou cada uma com uma recordação da sua estada, já que Landau era de seu natural amigo de dar e lembrava-se sempre de nomes e promessas, tal como de muitas outras coisas, com o desembaraço de uma mente despreocupada. Porém, durante todo esse tempo, não deixou de vigiar discretamente a pasta e, ainda antes de os convidados terem saído, já ele a segurava com a mão que tinha disponível, enquanto fazia as suas despedidas. E no autocarro privado que levaria os vendedores de volta para o hotel, sentou-se com a pasta sobre os joelhos, enquanto se integrava num harmónico coro que entoava canções de *rugby*, dirigido, como de costume, por Spikey Morgan.

«Atenção às senhoras», avisou Landau e, levantando-se, ordenou silêncio nas passagens que considerava mais grosseiras. Mas mesmo no papel de grande maestro, não deixou de segurar firmemente na pasta.

No *hall* do hotel deambulavam os habituais grupos de chulos e *dealers* de droga e de moeda, mais os seus guardas do KGB. Mas Landau não viu no comportamento daqueles homens nada de preocupante; de facto, não se mostravam nem demasiado atentos, nem demasiado desinteressados. O velho soldado mutilado que guardava o corredor dos elevadores pediu-lhe como de costume o passe do hotel. Landau, que já lhe tinha oferecido uma centena de *Marlboros*, perguntou-lhe em russo, num tom acusatório, por que motivo não tinha ido dar uma volta com a namorada naquela

noite. O homem desatou num riso estridente e bateu-lhe no ombro em sinal de camaradagem.

«Se aquilo era uma armadilha para me incriminarem, então teriam de ser rápidos, pois caso contrário arriscavam-se a perder a presa», disse-me ele, pondo-se na posição do caçador, que não era evidentemente a sua. «É que, Harry, quando montamos uma armadilha, temos de agir rapidamente, enquanto as provas se encontram com a vítima», explicou ele, como se tivesse andado toda a vida a montar armadilhas às pessoas.

«Então no Bar do Nacional, às nove», disse-lhe Spikey Morgan, num jeito entediado, ao chegarem ao quarto andar.

«Pode ser que sim, pode ser que não, Spikey», respondeu Landau. «Para dizer a verdade, não me sinto muito bem.»

«Graças a Deus», retorquiu Spikey, com um bocejo, após o que se arrastou até ao seu corredor escuro. A porteira do piso, metida no seu cubículo, seguiu-o atentamente com os seus olhos de bruxa.

Ao chegar à porta do seu quarto, Landau preparou-se para o pior. É agora, pensou. Este é o melhor momento para me apanharem a mim e ao manuscrito.

Porém, ao entrar, verificou que o quarto estava vazio e que não havia nele sinal de qualquer perturbação. Sentiu-se um idiota por causa das suas suspeitas. Ainda estou vivo, pensou, e pôs a pasta em cima da cama.

Depois, fechou as cortinas, pouco maiores que lenços, tanto quanto era possível fechá-las, ou seja, até meio, e pendurou o inútil «*Do Not Disturb*» na porta, fechando-a de seguida à chave. Esvaziou os bolsos do fato, incluindo o bolso onde tinha armazenado os últimos cartões de negócios, tirou o casaco e a gravata, as braçadeiras de metal e, finalmente, a camisa. Do frigorífico tirou uma garrafa de *vodka-limão*, deitou uma coisa de nada num copo e bebeu um pequeno gole. Landau, ao que me disse, não era propriamente um amigo da bebida, mas, sempre que ia a Moscovo, gostava de acabar o dia com um copito de *vodka-limão*. Le-

vou o copo para a casa de banho e, durante uns bons dez minutos, deixou-se ficar em frente do espelho, examinando ansiosamente as raízes do cabelo, à procura de algum vestígio de brancos, retocando os locais em perigo com a ajuda de um novo produto que fazia maravilhas. Satisfeito com o seu trabalho, enrolou a cabeça com um elaborado turbante feito com uma toalha, à maneira de uma touca de banho, e tomou um duche, enquanto cantava «I am the very model of a modern major-general», nada mal por sinal. Depois, esfregou-se com uma toalha, o mais vigorosamente possível para estimular o tónus muscular, e pôs um roupão de banho descaradamente florido. Finalmente, e ainda a cantar, voltou para o quarto.

E fez todas essas coisas em parte porque as fazia sempre e precisava da familiaridade apaziguadora das suas próprias rotinas, mas também porque se sentiu orgulhoso de ter, por uma vez, mandado às urtigas todas as precauções, por não ter encontrado vinte e cinco razões plausíveis para nada fazer, o que, nessa época, não seria de espantar.

Ela era uma senhora, ela tinha medo, ela precisava de ajuda, Harry. Alguma vez tinha negado alguma coisa a uma senhora? E se estava enganado acerca dela, então não havia dúvida que tinha feito um papel de idiota chapado e que o melhor era recolher a escova dos dentes e apresentar-se imediatamente à porta do Lubyanka para ir fazer um estudo dos magníficos *graffiti* dos russos, durante cinco anos, e sem qualquer possibilidade de escolha. Porque Landau preferiria fazer vinte vezes o papel de idiota chapado a negar o seu auxílio àquela mulher sem qualquer razão. E enquanto dizia isto para si mesmo, obviamente em silêncio, já que o medo dos microfones o impediria de proferir tais afirmações em voz alta, Landau tirou o embrulho da pasta e, com um certo acanhamento lançou-se ao trabalho. Começou a desapertar o cordel, em vez de o cortar, tal como aprendera com a sua santa mãe, cuja fotografia repousava agora, fielmente, na carteira dele. Têm ambas o mesmo brilho, descobriu com prazer, enquanto, pacientemente, ia desfazendo o nó. É a pele eslava. São os olhos eslavos,

o sorriso. Duas belas raparigas eslavas. A única diferença era que Katya não tinha acabado os seus dias em Treblinka.

O nó lá acabou por ceder. Landau enrolou o cordel e pô-lo em cima da cama. É assim mesmo, querida, tenho de saber o que isto contém, explicou ele a uma Yekaterina Borisovna só presente na sua cabeça. Não me quero intrometer, aliás o intrometido não sou eu, mas se tiver de fazer alguma fita na alfândega, é melhor saber de antemão por que a faço, sempre ajuda.

Delicadamente, para não o rasgar, usando as duas mãos, Landau retirou o papel castanho. Não se imaginava herói nenhum. Ainda não, pelo menos. Aquilo que era perigoso para uma beleza de Moscovo podia não ser perigoso para ele. Era verdade que tinha tido uma juventude difícil. O East End não tinha sido propriamente uma cura de repouso para um imigrante polaco de dez anos de idade, e Landau tinha tido o seu quinhão de lábios rachados, narizes partidos, socos dados e levados, e fome. Mas se lhe perguntassem, agora ou em qualquer momento nos últimos trinta anos, qual era a sua definição de herói, teria respondido, que um herói era o primeiro a fugir pela porta das traseiras, quando começassem a gritar por voluntários.

Havia uma coisa que ele sabia, enquanto examinava o conteúdo do embrulho de papel castanho: estava com o vício. Porque é que estava com o vício, era um coisa que poderia investigar mais tarde, quando não tivesse nada de melhor para fazer. Mas se fosse preciso fazer um trabalho arriscado naquela noite, então Niki Landau seria o homem indicado. Porque quando o Niki está com o vício, Harry, não há ninguém que o bata, como todas as raparigas sabem.

A primeira coisa que viu foi o envelope. Reparou que por baixo dele havia três cadernos e que o envelope e os cadernos estavam atados com um elástico grosso, um daqueles elásticos que ele guardava sempre, mas para os quais nunca achava um uso. Mas foi o envelope que mais lhe chamou a atenção, porque a letra era a dela – uma caligrafia

perfeita que confirmava a imagem de pureza que tinha daquela mulher. Um envelope castanho, quadrado, sujo de cola, e dirigido a «Mr. Bartholomew Scott Blair – Pessoal – Urgente.»

Landau retirou o envelope e examinou-o à luz, mas era opaco e não revelava qualquer sombra. Explorou-o com o indicador e o polegar. Dentro, uma folha de papel fino, duas no máximo. *Mr. Scott Blair comprometeu-se a publicá-lo com discrição*, lembrou-se nesse momento. *Mr. Landau, se o senhor ama a paz... dê-o logo que chegue a Mr. Scott Blair. Apenas a ele... Confio inteiramente em si.* Ela também confia em mim, pensou ele. Virou o envelope. Nas costas não havia nada escrito.

E como Landau se recusava a ler o correio pessoal fosse de quem fosse e um envelope castanho fechado nada mais podia revelar-lhe, decidiu abrir de novo a pasta, espreitou para o compartimento dos artigos de papelaria, tirou dele um dos seus vulgares envelopes de papel manilha, com as palavras «Do escritório de Mr. Nicholas P. Landau» esteticamente gravadas na parte de trás. Então, introduziu o envelope castanho no de papel manilha, fechou este último, rabiscou nele o nome «Barley» e arquivou-o no compartimento denominado «Social», o qual continha coisas tão singulares como cartões-de-visita que estranhos o tinham obrigado a aceitar e notas sobre extravagantes encomendas que se tinha comprometido a satisfazer – como a daquela editora que precisava de cargas para a sua *Parker* ou a do funcionário do Ministério da Cultura que queria uma *T-shirt* com o Snoopy para o seu sobrinho, ou ainda a daquela mulher da «Outubro», que por mero acaso ia a passar no preciso momento em que ele fechava a loja.

Landau meteu um envelope no outro porque, com a manha de comerciante que nele era instintiva, ou mesmo totalmente inata, sabia que a primeira coisa a fazer era manter o envelope o mais afastado possível dos cadernos. Se os cadernos implicassem sarilhos, seria bom que nenhum pormenor os relacionasse com a carta. E vice-versa. Landau tinha toda a razão. Os nossos mais versáteis e eruditos professo-

res, tingidos em todos os oceanos do folclore do nosso Serviço, não teriam feito de outro modo.

Só então pegou nos três cadernos e tirou o elástico que os prendia, mantendo os ouvidos alerta para qualquer som de passos no corredor. Três cadernos russos e sujos, foi o que pensou ao seleccionar e examinar o de cima. Com uma capa de cartão grosseiramente ilustrada, a lombada de um pano já esfiapada. Duzentas e vinte e quatro páginas de má qualidade, em formato de quarto, de um pautado esbatido, concluiu Landau, recorrendo às recordações da época em que revendera artigos de papelaria, preço soviético à volta dos vinte *kopeks*, à venda em qualquer bom retalhista do ramo, desde que a remessa tenha chegado e o comprador se meta na bicha certa no dia certo.

Finalmente, abriu o caderno e examinou a primeira página.

É doida, pensou, repelindo o seu desgosto.

Está nas mãos de um louco. Pobrezinha.

Rabiscos sem qualquer significado, feitos por um lunático com uma caneta de aparo fino, a tinta-da-china, a uma velocidade louca, furiosamente angulosos. Nas margens, obliquamente, longitudinalmente. Rabiscos cortando diagonalmente rabiscos, como a letra de um médico atacado de desordem mental. Tudo isto, repetidamente martelado com pontos de exclamação e sublinhados idiotas. Rabiscos em cirílico, rabiscos em inglês. «O Criador cria os criadores», lia-se, em inglês. «Ser. Não ser. Contra-ser.» E a seguir, uma estúpida explosão de francês, acerca da guerra da loucura e da loucura da guerra, que terminava com um emaranhado de arame farpado. Mui-tíssimo obrigado, pensou, e passou uma página, depois outra, ambas tão cheias daquela caligrafia demente que quase não se via o papel. «Depois de termos passado setenta anos a destruir o poder popular, não podemos esperar que de súbito esse poder se imponha e nos salve», leu então. Uma citação? Um pensamento surgido a meio da noite? Não tinha qualquer possibilidade de o saber. Referências a escritores, russos, latinos, europeus. Coisas sobre Nietzsche, Kafka

e outros de quem nunca tinha ouvido falar, quando mais lido. De novo a guerra, desta feita em inglês: «Os velhos declaram-na, os jovens travam-na, mas hoje os bebês e os velhos também a travam.» Virou mais uma página e depa-rou-se-lhe nada mais nada menos que uma mancha redon-da, castanha. Chegou o caderno ao nariz e cheirou. Ál-cool, pensou com desprezo. Fede que nem uma fábrica de cerveja. Não admira que o tipo seja amigo do Barley Blair. Depois, duas páginas consagradas a uma série de procla-mações históricas.

– O NOSSO MAIOR PROGRESSO ESTÁ NO NOSSO ATRASO!

– A PARALISIA SOVIÉTICA É A MAIS PROGRESSIVA DO MUNDO!

– O NOSSO ATRASO É O NOSSO MAIOR SEGREDO MILITAR!

– SE NÃO CONHECEMOS AS NOSSAS PRÓPRIAS INTENÇÕES E AS NOSSAS PRÓPRIAS CAPACIDADES, COMO PODEREMOS CONHECER AS VOSSAS?

– O VERDADEIRO INIMIGO É A NOSSA PRÓPRIA INCOMPETÊN-CIA!

E na página seguinte, um poema, esmeradamente copia-do sabe-se lá de onde:

No caminho ele avança e logo recua.  
E o povo continua sem saber  
Se a serpente que ia por esse caminho  
Ia para sul ou voltava para trás.

Landau ergueu-se de um salto e, furioso, correu para a janela, que dava para um quintal triste, cheio de lixo por recolher.

«Um exuberante artista da palavra, Harry. Foi o que eu pensei que ele era. Um gênio de cabelos compridos, cheio de droga, um gênio unicamente preocupado com a sua pes-soa, e ela, ela fez o que todas fazem, ficou eternamente ren-dida aos encantos dele.»

Felizmente para ela que não havia lista telefónica de Moscovo, pois caso contrário Landau ter-lhe-ia telefona-do para lhe dizer que raio de homem lhe tinha cabido em sorte.

Para atíçar a sua raiva, pegou no segundo caderno, molhou a ponta do indicador e começou a folheá-lo com o maior desprezo. Foi assim que chegou aos desenhos. Então, por um momento, ficou como que estonteado de surpresa, como se estivesse a ver um filme e de repente o ecrã ficasse branco, enquanto se amaldiçoava por ser um eslavozinho impetuoso e não um inglês frio e calmo. Sentou-se de novo na cama, mas suavemente, como se lá estivesse alguém a descansar, alguém que ele tivesse magoado com uma condenação prematura.

Porque se Landau desprezava aquilo que amiúde passava por literatura, já em questões técnicas o seu prazer era ilimitado. Mesmo não entendendo nada de nada, era muito capaz de se deleitar a olhar para uma boa página de matemática durante um dia inteiro. E mal olhou para aquelas páginas do caderno, apercebeu-se, tal como lhe acontecera quando vira Katya, que tinha à sua frente algo com qualidade. É certo que não eram desenhos feitos a régua e esquadro. Apenas esboços sem grande precisão, o que só abonava a seu favor. Eram desenhos feitos sem instrumentos por alguém capaz de pensar com um lápis. Tangentes, parábolas, cones. E entre os desenhos, descrições metódicas, como as que os arquitectos e os engenheiros costumam fazer, palavras como «ponto de mira» e «alcance cativo» e «inclinação» e gravidade e trajectória – «algumas em inglês, Harry, outras em russo.»

Embora Harry não seja o meu verdadeiro nome.

No entanto, quando começou a comparar a caligrafia extremamente bela do segundo caderno com a selva desconexa do primeiro, descobriu, para sua grande surpresa, que havia entre elas similaridades indesmentíveis. Daí a sensação de que tinha à sua frente uma espécie de diário esquizofrénico, em que um dos cadernos era escrito pelo Dr. Jekyll e o outro por Mr. Hyde.

Espreitou para o terceiro caderno, que se revelou tão ordenado e consistente como o segundo, embora organizado como uma espécie de tábua logarítmica, com datas e números e fórmulas, e a palavra «erro» frequentemente repetida,

muitas vezes sublinhada ou acompanhada por um ponto de exclamação. Então, de repente, a sua atenção fixou-se numa página. Não conseguia desviar os olhos daquilo que estava a ler. A obscuridade confortável do jargão técnico tinha acabado da forma mais estrondosa, bem como as divagações filosóficas e os desenhos devidamente anotados. Aquelas palavras destacavam-se com uma clareza impressionante.

«Os estrategos americanos podem dormir sem sobressaltos. Os seus pesadelos não se tornarão realidade. O cavaleiro soviético está a morrer dentro da sua armadura. Como vocês, britânicos, também ele é um poder secundário. Pode iniciar uma guerra, mas não pode continuá-la, nem pode ganhá-la. Acreditem no que vos digo.»

Landau não avançou mais na sua pesquisa. Um sentimento de respeito, misturado com um forte instinto de autopreservação, advertiu-o de que já tinha vasculhado o suficiente. Pegou no elástico, juntou os três cadernos e prendeu-os de novo. É isso, pensou. Não mexo em mais nada e limito-me a cumprir o meu dever. Ou seja, levo o manuscrito para o meu país de adopção e entrego-o logo que chegue a Bartholomew, aliás Barley, Scott Blair.

Barley Blair, quem havia de dizer, pensou, atónico, enquanto abria o roupeiro e tirava a grande mala de alumínio onde guardava as suas amostras. Quem havia de dizer. Quantas vezes nos interrogámos sobre se não haveria um espião entre nós. Agora já sabemos quem é.

Landau garantiu-me que naquele momento a sua calma era total. O inglês vencera uma vez mais o polaco. «Se o Barley era capaz, então também eu seria, Harry, foi o que disse a mim mesmo.» E foi também isso o que me disse quando, por um breve período, me escolheu como seu confessor. É uma coisa que me acontece por vezes, escolherem-me como confessor. As pessoas apercebem-se do meu eu oculto e abrem-se como se falassem com o meu eu real.

Landau pôs a mala em cima da cama, abriu-a e tirou dois conjuntos que os funcionários soviéticos tinham banido da sua exposição – uma história pictórica do século XX,

com comentários falados, arbitrariamente considerados anti-soviéticos, um manual do corpo humano com fotografias exemplificativas e uma cassette com exercícios de ginástica de manutenção, que os mesmos funcionários consideraram pornográficos, depois de uma demorada apreciação das jovens deusas que, com os seus fatos de ginástica, mostravam ao leitor as posições correctas.

O outro conjunto, o de história, era de muito boa qualidade, e funcionava como um desdobrável, contendo uma série de bolsos interiores para cassetes, textos paralelos, cartões com esclarecimentos sobre o vocabulário e notas para estudantes. Depois de esvaziar os bolsos, Landau tentou meter os cadernos em cada um deles, mas verificou que nenhum era suficientemente largo. Decidiu transformar dois bolsos num só. Tirou uma tesoura de unhas do seu *nécessaire* e lançou-se ao trabalho com mãos seguras: tinha de arancar cuidadosamente os agrafos da divisória entre os dois bolsos.

Barley Blair, pensou de novo, enquanto atacava um agrafo com a ponta da tesoura. Devia ter adivinhado que era ele o espião, nem que fosse pelo facto de ele ser o que menos suspeitas levantava. Mr. Bartholomew Scott Blair, derradeiro sobrevivente da Abercombrie & Blair – um espião. O primeiro agrafo cedeu. Extraiu-o vagarosamente. Barley Blair, o tal que seria incapaz de vender feno a um cavalo rico para salvar a mãe moribunda no dia do seu aniversário, como nós costumávamos dizer, era afinal o nosso espião. Começou a puxar pelo segundo agrafo. Barley Blair, que só se tinha tornado notado uma vez, na feira do livro de Belgrado, já lá iam dois anos, por ter conseguido embebedar o Spikey Morgan com *vodka* puro, sem que este se desse conta, e que depois tocara saxofone tenor com o grupo local, e que tocara tão bem que até a polícia aplaudira. Espião. Um senhor espião. Pois bem, aqui vai uma carta da tua dama, como diz aquela canção infantil.

Landau pegou nos cadernos e tentou metê-los no espaço que tinha arranjado. Nada feito. Teria de abrir um terceiro bolso.

O tipo a fingir que estava bêbado, pensou Landau, ainda a propósito de Barley. A fingir de parvo e afinal os parvos éramos nós. Queimando os últimos dinheiros da família, a velha firma, nas suas mãos, foi-se afundando cada vez mais. Cada vez mais. Só que, vá lá saber-se como, acabava sempre por convencer um daqueles muito vigilantes bancos da City a salvá-lo mesmo mesmo no derradeiro instante. Ah, e ele a jogar xadrez, apesar da bebedeira? *Essa* podia ter sido uma pista, se Landau lhe tivesse dado a devida atenção. Como é que um homem, que se embebeda até dizer chega, consegue bater toda a gente? Só há uma hipótese, Harry, sejamos francos – só um espião devidamente treinado aguentaria como ele aguentou.

Os três bolsos tinham-se transformado já num só, os cadernos encaixavam mais ou menos bem lá dentro. «Notas do estudante», lia-se ainda por cima do novo bolso.

Landau imaginou-se de repente a falar com o jovem e inquisitivo funcionário da alfândega do aeroporto de Shermetyevo. «Notas, não sei se está a perceber, são notas de estudante. É por isso que há aqui um bolso para notas. E essas notas que você está a ver agora são o trabalho de um estudante que está a fazer este curso. É por isso que estão aí, meu rapaz, percebe? São *notas exemplificativas*. E esses desenhos, têm a ver com...»

Com padrões socioeconómicos, sim, é isso mesmo, filho. Com tendências demográficas. Com estatísticas vitais, que é uma coisa que vocês, russos, poucas vezes vêem, não é? Olhe, está a ver este aqui? É um livro sobre o corpo humano.

Um tal discurso podia ou não salvá-lo: tudo dependia da perspicácia do funcionário, do que eles sabiam ou não sabiam, e do que nesse dia sentiam em relação às respectivas mulheres.

Mas Landau tinha ainda uma longa noite à sua frente. E se o assaltassem de madrugada? Arrombavam-lhe a porta com toda a certeza, apontavam-lhe as pistolas, gritavam. «Muito bem, Landau, passa para cá os cadernos!» – nesse feliz momento, o conjunto sobre história de nada lhe vale-

ria. «Cadernos? Cadernos? Ah, aquela droga que uma russa lunática me impingiu esta noite na feira? Ah, devem estar ali no cesto dos papéis, se a criada não o despejou, o que me espantaria.»

Landau preparou meticulosamente a cena para esta contingência. Retirou os cadernos do bolso do conjunto de história, colocou-os artisticamente no cesto dos papéis, como se os tivesse atirado para lá com a raiva que sentira ao examiná-los pela primeira vez. Para lhes fazer companhia, atirou também para o cesto os seus excedentes de literatura e brochuras de propaganda, bem como umas prendas perfeitamente inúteis que tinha recebido: o magro volume de mais um poeta russo, um mata-borrão com as costas em estanho. O retoque final foi dado por um par de meias sem qualquer remendo, coisa que só um ocidental rico é capaz de deitar fora.

Este exemplo de engenho em bruto voltou a maravilhar-me, como aliás nos aconteceu mais tarde a todos nós.

Nessa noite, Landau não saiu, disse não à diversão. Suportou o aprisionamento familiar do seu quarto naquele hotel de Moscovo. Da sua janela acompanhou a passagem do demorado crepúsculo até à escuridão da noite, viu as ténues luzes da cidade brilhando relutantemente. Fez chá na sua pequena chaleira de viagem e comeu duas tabletes de chocolate com frutas das suas rações combate. Demorou-se deleitado na evocação da mais gratificante das suas conquistas. Às outras, dedicou um sorriso pesaroso. Preparou-se corajosamente para enfrentar a tristeza e a solidão e invocou a sua infância difícil para o ajudar. Vasculhou na sua carteira, na pasta, nos bolsos, e tirou tudo o que fosse especialmente privado, tudo o que não desejaria ter de pôr em cima de uma mesa vazia, e cuja existência teria de explicar detalhadamente caso fosse detido na alfândega – uma carta apimentada que uma namorada lhe tinha enviado anos antes e que ainda era capaz de lhe reavivar os apetites, ela era membro de um certo clube de vídeo-pelo-correio a que ele pertencia. O seu primeiro instinto foi «queimar tudo aquilo, como nos filmes», mas não o fez porque logo se lembrou

dos detectores de fumo no tecto, embora tivesse a certeza de que os detectores não funcionavam.

Fez a coisa doutro modo. Reduziu tudo aquilo a papelinhos, meteu-os num saco de papel e atirou o saco para o meio do lixo que havia no quintal. Depois, deitou-se na cama e assistiu calmamente à passagem da noite. Por vezes sentiu-se com coragem, outras vezes sentiu tanto medo que teve de cerrar os punhos até cravar as unhas para se refrear. A certa altura ligou a televisão, à espera de ver jovens e atraentes ginastas, de que tanto gostava. Mas em vez das ginastas, apanhou precisamente com o Imperador, dizendo pela enésima vez à sua prole confusa que a velha ordem estava tão nua quanto o rei. E quando Spikey Morgan, na melhor das hipóteses já meio bêbado, lhe telefonou do bar do Nacional, Landau não o deixou desligar porque queria companhia. Até que, do outro lado da linha, o bom do Spikey adormeceu.

Uma única vez, quando se sentiu mais atemorizado, lhe ocorreu dirigir-se à embaixada britânica e pedir a assistência da mala diplomática. Esta fraqueza momentânea irritou-o. «O quê? Eu pedir ajuda àqueles lambe-botas?», perguntou a si mesmo com desprezo. «Eu pedir ajuda àqueles que mandaram o meu pai para a Polónia? Nem pensar. A eles, Harry, nem um postal da Torre Eiffel eu lhes confiava.»

Além disso, não fora isso que ela lhe pedira.

Chegada a manhã, vestiu-se para a sua própria execução, com o seu melhor fato, com a fotografia da mãe por dentro da camisa.

E é assim que eu continuo a ver Niki Landau, sempre que folheio o seu processo, ou quando o recebo para aquilo a que chamamos o balanço semestral, que é o momento em que ele gosta de reviver a sua hora de glória, antes de assinar mais uma declaração prevista na lei dos segredos de Estado. Vejo-o sair garbosamente do hotel com a mala metálica na mão, sem fazer a mínima ideia do que leva consigo, mas decidido a arriscar a sua corajosa cabeça por causa do que lhe pediram que fizesse.

Não me atrevo a imaginar como ele me vê, se é que alguma vez pensa em mim. Hannah, que eu amei mas trai, não

teria a mínima dúvida. «Vê-te como um desses inúmeros ingleses com muita esperança no rosto e nenhuma no coração», diria ela, rebentando de raiva. Temo de facto que actualmente ela diga tudo o que lhe vem à cabeça. Hannah perdeu já muita da sua antiga paciência.